

O Jlob  
14 Junho 67

DN 5/3/67

## TARDE

Quando saímos da sala escura ficamos um instante indecisos na galeria comprida. De um lado era a rua interior, a condução, a cidade. Do outro lado era o vento e o mar. Andamos de frente para o vento, em direção do mar.

Nas casas e na rua já havia luzes acesas, mas uma luz livida e grave persistia na tarde revoltosa: o mar ainda era verde sob nuvens de chumbo e opala.

Sob o forte e húmido vento o mar era tímido, e crescia em ondas muito além, ondas que estouravam em espumas e avançavam galopando, galopando, crinas da cavalaria marinha que o vento assanhava.

Em nossa cara vinha bater aere humidade, suor do mar, dos cavalos do mar, vontade de gritar: "êpa! ruma! alalá!". Mas ficamos quietos entre as coisas úrgidas que adquiriam volume na estranha luz de luas indiretos entre nuvens que passavam sobre o fundo de uma só mensa nuvem de dia fechado. Que bela morte, oh dia, com teu sol sem côres, mas de livida força, com essa luz assombrando a tarde de vento!

Copacabana pisava luzes no ar molhado, sob manchas de sombra e prata seus edificios tesos encaravam o mar. Andamos, havia pescadores remexendo coisas, rédes e murmúrios sob as árvores escuras. Pisamos grandes folhas secas amarelas e acobreadas sobre a areia húmida, e de repente me voltei e vi teu rosto, era liso e pálido na luz, era firme e puro olhando o mar.

2/4/54 R. B.

RN

pirava /